



Photo by Matt Duncan on Unsplash

Editorial

Quarenta anos de futuro

Quem poderia imaginar, há quarenta anos, que o CES seria um dia o que é hoje? Uma vibrante comunidade científica de 800 pessoas entre investigadores, investigadores em pós-doutoramento, investigadores juniores, investigadores visitantes e doutorandos trabalhando nas diversas áreas das ciências sociais e humanas, com atividades científicas em todos os continentes. O CES é hoje uma comunidade constantemente renovada por várias centenas de estudantes de doutoramento e de investigadores de pós-doutoramento que se enriquecem connosco e nos enriquecem. O pequeno grupo que comigo se lançou na aventura de criar um centro de investigação que correspondesse aos nossos anseios e aspirações estava preocupado em criar algo de novo e não tinha tempo nem disponibilidade para discutir planos de desenvolvimento de longo prazo. Eram tempos inaugurais, tanto para a democracia depois de quarenta e oito anos de ditadura, a que a Revolução de 25 de Abril de 1974 pusera termo, como para as ciências sociais e humanidades que, em grande medida, tinham ficado à margem da enorme expansão desta vastíssima área de conhecimento, sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial.

Tivemos a ousadia de fazer das fraquezas forças. O atraso com que partíamos aliviava-nos do peso das inércias; atentos às inovações epistemológicas e à crítica do fechamento disciplinar, tínhamos mais confiança nas abordagens interdisciplinares e transdisciplinares que queríamos desenvolver; acabados de sair de um serôdio ciclo colonial, era total a nossa disponibilidade para estabelecer relações não-colonialistas entre a Europa e o vasto mundo não-europeu; num país ansioso por fazer curtos-circuitos históricos que o compensassem do atraso fascista, queríamos desenvolver conhecimento reconhecido internacionalmente e, ao mesmo tempo, comprometido com as complexas tarefas da construção de uma sociedade democrática e justa.

E o tempo que se seguiu passou depressa: a fundação da *Revista Crítica de Ciências Sociais*; os primeiros projetos de investigação nacionais e depois internacionais; a criação da licenciatura em Sociologia na Faculdade de Economia; uma colaboração fecunda com a Faculdade de Letras; o reconhecimento oficial do nosso desempenho de excelência ao sermos elevados à categoria de Laboratório Associado, que nos permitiu ter mais estabilidade financeira e contratar investigadores a tempo inteiro oriundos de vários países; a profissionalização da nossa equipa de gestão e administração; os primeiros programas de doutoramento e o ar fresco que entrou nas nossas salas de aula e de estudo com as sucessivas levas de estudantes, também eles oriundos de vários países, atraídos por essa diáfana categoria que se foi designando por “Escola CES”.

Estou certo de que os próximos quarenta anos passarão igualmente depressa e com muito mais para contar.

Boaventura de Sousa Santos
Diretor do Centro de Estudos Sociais

Conteúdos

Editorial

Observatórios

Breves

CES encenou

Dossier temático

A Revista Crítica de Ciências Sociais faz 40 anos!

CES encenará

Formação avançada

Publicações



OBSERVATÓRIO DE POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO E DE FORMAÇÃO
CES • UC • CeTEP • ULMT

O Observatório do Risco (OSIRIS), na sequência do incêndio de Pedrógão Grande e do seu impacto numa vasta área do Pinhal Interior, iniciou um projeto de investigação de ciência solidária que procura acompanhar todo o processo de reconstrução das comunidades afetadas. A equipa de investigação multidisciplinar é constituída por cientistas sociais que se disponibilizaram de forma voluntária para participar nesta experiência de partilha de conhecimentos.

O projeto constitui-se em estreita articulação e colaboração com a Associação de Vítimas do Incêndio de Pedrógão Grande (AFVIPG), com participação em diferentes iniciativas, sendo o OSIRIS membro da comissão técnico-científica da Associação. Além da recolha de dados utilizando as metodologias convencionais das entrevistas e da observação participante, o projeto recorre também ao uso da fotografia e do vídeo como meios interpeladores da realidade vivida. As imagens são da autoria dos/as investigadores/as envolvidos/as no projeto, mas também de fotógrafos como Miguel Mesquita.

Baseando-se no conceito de ecologia dos saberes, o projeto procura apreender as vivências, os conhecimentos, as dinâmicas de solidariedade e as narrativas dos que experienciaram diretamente os acontecimentos, e que permitem aprendizagens relevantes para o futuro, formas de resistência e de resiliência que contribuem para uma cidadania crítica, inclusiva e possibilitadora de futuros alternativos contra e para além do excepcionalismo dos desastres. O projeto assenta no acompanhamento das pessoas e comunidades afetadas e na sua construção de contranarrativas aos discursos e práticas oficiais e institucionais, revelando as formas informais de reconstruir identidades pessoais e coletivas, numa rede complexa de mobilização de recursos, de simbolização e materialidades.

O Op.Edu integra, desde a sua fundação, o Instituto Internacional de Pesquisa e Ação sobre Fraude e Plágio Académicos. O IIRAFPA é uma associação criada em Genebra em 18 de junho de 2016 e visa criar um espaço internacional e interdisciplinar de debate científico em torno da fraude e do plágio académicos. Informação adicional pode ser obtida em <https://responsible-academia.org/>.

Uma equipa do Observatório, liderada por Paulo Peixoto, integra o projeto EERIC (European Ethics and Research Integrity Culture). O projeto candidatou-se à ação SwaFS-27-2017, "Implementing a European Train-the-trainers initiative with regard to Ethics and Research Integrity", e visa, entre outros objetivos, contribuir para o desenvolvimento da missão do IIRAFPA. Pretende-se, através da pesquisa académica, compreender as razões que dificultam a implementação de uma cultura de integridade à luz do Código Europeu para uma Conduta de Integridade na Pesquisa. Visa também abordar as distintas perspetivas disciplinares e as diferenças culturais europeias em matéria de ética e integridade académica, no sentido de permitir a concretização de ações de formação dirigidas àqueles/as que formam profissionais em instituições de ensino superior e em unidades de investigação científica.

Em termos do impacte esperado, o projeto EERIC aponta para o reforço de um maior grau de consistência das práticas europeias relativas à integridade da pesquisa, tornando-se, através do quadro institucional que se pretende confirmar durante e depois da execução do projeto, a principal referência europeia em termos das políticas da U.E. no domínio da integridade da pesquisa. O contributo do EERIC situa-se no domínio da consolidação da capacidade das diferentes comunidades de pesquisa em matéria de respeito dos mais altos padrões éticos. Nesse âmbito, o EERIC propõe-se criar uma comunidade on-line coesa e implicada através de um espaço permanente de aprendizagem e de partilha de informações, experiências e questões relativas à agenda da Integridade da Pesquisa na Europa.



Novos Projetos Ativos

Título: CILIA – LGBT - Desigualdades ao longo da vida de pessoas LGBTQ: uma abordagem comparativa e interseccional em quatro países europeus

Investigadora Responsável: Ana Cristina Santos

Financiamento: NORFACE DIAL e FCT

Título: EQUI-X Promoção de estratégias inovadoras para a construção de identidades de género e para o envolvimento de homens e rapazes em modelos de masculinidades não violentas

Investigadora Responsável: Tatiana Moura

Financiamento: Comissão Europeia (Direção Geral de Justiça e dos Consumidores)

Título: ECHOES - Usos contemporâneos dos patrimónios de origem colonial europeia em cidades entrelaçadas

Investigadores Responsáveis: Paulo Peixoto e Lorena Sancho Querol

Financiamento: Comissão Europeia

Relatórios Concluídos

Título: Plano Intermunicipal de Gestão de Riscos da Comunidade Intermunicipal da Região de Coimbra

Investigador Responsável: Alexandre Tavares

Título: Os tribunais em Timor-Leste: desafios a um sistema judicial em construção

Investigadora Responsável: Conceição Gomes

Título: Para uma justiça de matriz timorense: o contributo das justiças comunitárias

Investigadora Responsável: Maria Paula Meneses

Diana Andringa distinguida com o Prémio Maria Isabel Barreno

Diana Andringa, jornalista e investigadora do CES, a pintora Paula Rego, a soprano Elisabete Matos, a atriz Cristina Paiva e a encenadora Mónica Calle foram distinguidas pelo Governo português com o prémio **Mulheres Criadoras de Cultura**.

Creative City Network of Canada distingue Nancy Duxbury

A investigadora **Nancy Duxbury** venceu **The Cultural Leadership Award - Creative City Network of Canada**, galardão que reconhece contribuições significativas de investigadores/as que trabalhem no campo do planeamento cultural local, de programas e de serviços que tenham demonstrado liderança inspirada, dedicação excecional e apoio ao trabalho e à visão da Creative City Network of Canada.

Mustafah Dhada distinguido com o Prémio Martin A. Klein

Mustafah Dhada, investigador associado do CES e professor do Programa de Doutoramento em Pós-Colonialismos e Cidadania Global, foi distinguido com o **Prémio Martin A. Klein**, pelo trabalho "The Portuguese Massacre of Wiriyamu in Colonial Mozambique, 1964-2013", publicado em livro pela Bloomsbury. Atualmente, entre outras investigações, colabora com o projeto "BLEND - Desejo, Miscigenação e Violência: o presente e o passado da Guerra Colonial Portuguesa".

Colóquio

Entre o Estado e a Uma Lulik: espaços de identidade, poder e justiça em Timor-Leste

16 de novembro de 2017



Após a Consulta Popular de 1999, Timor-Leste iniciou um processo de construção de um Estado democrático, liderado inicialmente pelas Nações Unidas e com um forte apoio da comunidade internacional. Passados 18 anos, e com a saída da última missão das Nações Unidas em 2012 e progressiva Timorização do Estado, diversos estudos realizados têm vindo a revelar a centralidade do local, das comunidades (sucos, aldeias, linhagens das casas sagradas) face às estruturas do Estado centralizado em Díli.

Neste contexto, este seminário visou compreender as diversas articulações/tensões entre o Estado e as comunidades (sucos, aldeias, Uma Lulik), onde a terra e a casa sagrada permanecem lugares de identidade, governação e de justiça. Questões de identidade e reprodução social, governação, justiça e reivindicação de direitos foram discutidas no amplo quadro de tensão/diálogo existente entre os diversos níveis do local com as estruturas do Estado, que pretende ser unificador de todas estas realidades plurais, mas que encontra resistências à imposição de um sistema homogéneo de justiça, de governação e de identidade. Foram abordados, entre outros temas, os processos de construção do Estado e a intervenção das Nações Unidas, a administração local, o papel dos tribunais e das justiças comunitárias, as dinâmicas locais de promoção de direitos, os debates sobre o regime de distribuição e de propriedade das terras e as narrativas de nação, identidade e políticas culturais em disputa.

Este evento apresentou resultados de investigações realizadas por investigadores/as do CES, bem como de Timor-Leste e do Brasil, nas áreas de sociologia, direito, antropologia e ciência política.

Encontro

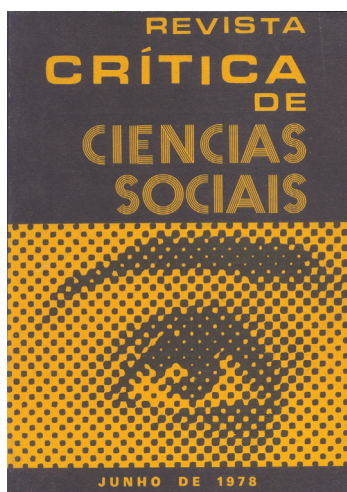
Jornadas Inaugurais da Universidade Popular Empenho e Arte

21 de novembro de 2017

No passado mês de novembro decorreram, no Centro Social Paroquial D. Manuel Martins (Setúbal), as jornadas inaugurais da Universidade Popular Empenho e Arte (UPEA). A UPEA é uma iniciativa que visa democratizar os conhecimentos e as informações relevantes para fortalecer uma cidadania ativa e encorajar a vontade de lutar por uma sociedade melhor tornando-a mais eficaz. Esta democratização deve ser pensada em várias dimensões: por um lado, no modo como são produzidos e consumidos os conhecimentos; e, por outro, na ampliação do leque de saberes que se cruzam e dialogam. Pretendem-se unir saberes feitos de estudo e saberes feitos de experiência prática e quotidiana, da rua e da vida; saberes que se expressam por palavras, gestos e sons; saberes académicos, artísticos, de intervenção social e culturais. Em suma, a UPEA visa promover diálogos de saberes e fazeres comprometidos com a luta pela dignidade de todos e todas por uma sociedade mais justa, pela transformação social, pela valorização de alternativas progressistas. A UPEA organizará, futuramente, sessões únicas ou cursos sobre temas diversos em forma de diálogos de saberes e de fazeres, procurando que cada sessão testemunhe a sua diversidade. As sessões serão promovidas por uma organização ou em parceria de duas ou mais organizações. Numa fase inicial, estes diálogos serão decididos consensualmente pelas organizações fundadoras, mas à medida que outras sessões se realizem os seus participantes terão um papel ativo na escolha dos temas a abordar e das pessoas a convidar. O mesmo tema pode exigir vários momentos que podem ser repetidos em diferentes locais consoante a solicitação de organizações ou grupos que as acolham e garantam condições para a sua realização.



A Revista Crítica de Ciên



A *Revista Crítica de Ciências Sociais* (RCCS) é hoje uma revista conceituada e reconhecida nacional e internacionalmente. Nestes 40 anos, os e as colegas envolvidos e envolvidas na sua criação e produção permitiram que a revista fizesse um percurso alucinante. De 'uma revista criada num vão de escadas da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra' em 1978, o Centro de Estudos Sociais tem hoje, em 2018, uma

revista indexada em bases internacionais de referência (como a Scopus ou a Web of Science-Thomson Reuters, entre outras). Mas este reconhecimento internacional baseado em indexações, apesar de no mundo atual ser bastante importante, não é na verdade a parte que consideramos mais relevante deste 'percurso alucinante'. Tendo apenas participado em parte deste percurso, não temos obviamente uma visão integrada dos anos de vida da *Revista Crítica*, mas consideramos que a experiência acumulada nos permite tecer algumas considerações relativamente à forma como vemos, sentimos e percebemos a *Revista Crítica de Ciências Sociais* aos 40 anos.

Um dos aspetos que nos parece mais pertinente realçar é que, num mundo globalizado onde o inglês se tornou a língua franca, a RCCS mantém a sua posição de publicar em português. Obviamente adaptou-se: entre 2009 e 2015 mantivemos a *RCCS Annual Review*, para divulgar em inglês os artigos que considerávamos mais marcantes de cada número da revista, e, atualmente, também publica em espanhol, francês e inglês, mas mantém a sua matriz lusófona. Esta é uma posição que consideramos radical no mundo atual. Não porque mantemos o português, mas porque nos recusamos a ser

periféricos por publicarmos maioritariamente em português. Os esforços envidados pelos diferentes Diretores da *Revista Crítica* no sentido de a tornar uma revista internacionalmente prestigiada e, nos últimos anos, indexada nas bases internacionais de referência, a par com a esmagadora maioria de revistas publicadas em língua inglesa, é, no nosso entender, uma posição de resistência.

Um segundo aspeto prende-se com a matriz científica identitária da revista, ou seja, o seu enquadramento transdisciplinar com tudo o que isso implica. A *Revista Crítica de Ciências Sociais* afirmou-se, desde o primeiro momento, como um 'espaço de diálogo' a vários níveis e em várias dimensões: desde logo, entre as ciências sociais e as humanidades, entre a produção científica do Centro dominante e do Sul global, entre diferentes teorias e epistemologias. A RCCS constituiu-se como uma plataforma de divulgação, produção e co-construção de conhecimento crítico da realidade contemporânea à escola global, dando particular atenção aos espaços de língua portuguesa, bem como do Sul Global. Sem querermos ser injustos ao não nomear todos os temas, mas correndo necessariamente esse risco, julgamos importante salientar que a RCCS contribuiu ao longo destas quatro décadas com reflexões extremamente pertinentes do ponto de vista da realidade portuguesa, das correntes teóricas e epistemológicas, bem como no que diz respeito a alguns temas específicos: 1978-1987: 'Dez anos de Transformação Social em Portugal'; 1988-1997: 'Pós-modernismo e Teoria Crítica' e comunicações do 1º Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais 'Saber e Imaginar o Social'; 1998-2007: 'Reinvenção da Teoria Crítica' e 'Vinte Anos de Teoria Social'; 2008-2017: 'Epistemologias do Sul'. Quem puder percorrer os caminhos dos diferentes números publicados facilmente se aperceberá que temas que hoje constituem linhas-mestras da agenda de investigação do CES já tinham sido abordadas num número temático da RCCS numa das últimas décadas. A definição dos termos do diálogo através da *Revista Crítica* tem sido uma característica genética desta revista.



ciências Sociais faz 40 anos!

Nos últimos anos, ouvimos muitas vezes que a *Revista Crítica* era uma ‘montra’ do trabalho de investigação desenvolvido no CES e que isso era problemático à luz dos critérios atuais de indexação de revistas. O terceiro aspeto que consideramos importante abordar prende-se com a autoria dos artigos publicados na revista ao longo destes primeiros quarenta anos. A primeira década (1978-1987) refletiu um esforço de criar o dito ‘espaço de diálogo’ envolvendo muitos autores e muitas autoras de fora do CES. A segunda década (1988-1997) manteve uma grande colaboração internacional ao nível de autorias, mas um maior número de investigadores e investigadoras do CES começam a publicar, afirmando-se na comunidade científica nacional e internacional. Na terceira década (1998-2007), com a consolidação da equipa de investigação do CES e o reconhecimento nacional e internacional da sua produção científica, assiste-se à transformação da *RCCS* numa verdadeira ‘montra’ do trabalho de investigação desenvolvido no CES. A esmagadora maioria dos artigos são da autoria de investigadores e investigadoras do CES e os temas dos diferentes números da revista resultam de projetos de investigação desenvolvidos no CES. Esta é uma década em que o CES e a própria revista se afirmam não só como partes interessadas dos diálogos, mas como produtores dos diálogos, definidores de agendas de diálogo, e co-construtores desses diálogos. A ‘Escola do CES’ está consolidada e a *RCCS* torna-se o elemento de divulgação privilegiado da produção científica dessa ‘Escola’. A última década (2008-2017) foi caracterizada por um desafio estrutural para o CES, bem como para a revista. Os indicadores de avaliação da reputação e qualidade do conhecimento produzido passaram a valorizar essencialmente elementos bibliométricos que são mais facilmente atingidos por publicações em língua inglesa, com revisão anónima pelos pares e processos de publicação profissionalizados. No que diz respeito à *RCCS*, esta última década revelou-se um período de transição crucial para conseguir manter o reconhecimento da sua reputação e qualidade. Lentamente, o número de artigos de autoria de investigadores e investigadoras sem ligação ao CES foi aumentando. O apoio à publicação foi profissionalizado e foi criado um sistema de revisão anónima externa ao CES. O Conselho Editorial zela pela matriz identitária de enquadramento científico da revista e a rede de revisores externos e revisoras externas zela pela qualidade científica dos artigos publicados.

Um último aspeto que nos parece fundamental referir são as pessoas que têm estado envolvidas no dia-a-dia da *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Nas primeiras três décadas a esmagadora maioria do trabalho era concretizado pelo Conselho Editorial e pela equipa de Direção. Ainda fizemos parte de Conselhos Editoriais em que se discutiam correções linguísticas nas reuniões; em que todos os artigos tinham pareceres de elementos do Conselho e em que esses pareceres eram discutidos por todos e todas; em que nenhum artigo era publicado em português sem ser revisto



pelo Diretor da revista; e em que nenhum artigo era publicado em inglês na *RCCS Annual Review* sem ser revisto pela sua Diretora. A realidade atual não se compadece de estruturas como estas, ‘ditas amadoras,’

e a *RCCS* teve de se adaptar. Como investigadores reconhecemos que aprendemos muito com o funcionamento ‘amador’ da revista. O próprio Conselho Editorial era um espaço de diálogo, argumentação e aprendizagem. Foi um privilégio, cientificamente falando, fazer parte deste processo. Claro que era extremamente cansativo, com reuniões que nunca terminavam, com leituras infundáveis, com prazos raramente cumpridos, mas, com a saída de cada número, a sensação de se ter contribuído para algo maior que nós e que marcaria quem lesse aqueles artigos. Atualmente o processo é muito mais rápido, não há tempo para ler profundamente, e muito menos tempo para se refletir sobre o que se leu ou para trocar ideias com outros e outras colegas sobre essa leitura. No entanto, parece-nos que continuamos a conseguir produzir números cujos artigos mantêm um diálogo com a investigação que se desenvolve no CES, com investigadores e investigadoras que se reveem nas opções teóricas, epistemológicas e metodológicas definidas no CES, e que pretendem estabelecer diálogo com a comunidade global que lê e consulta a *RCCS* todos os dias, em particular, no Sul global.

Assim, julgamos que os fundadores e as fundadoras da *Revista Crítica de Ciências Sociais* também estão de parabéns. A *Revista Crítica* alterou-se com o tempo e com as vontades, tomou novas qualidades e incluiu novidades, produziu e produz saudades, mas na verdade mantém-se a confiança e mantêm-se os propósitos, objetivos e preocupações iniciais, portanto não se mudou tanto quanto pareceu. Venham mais 40!

José Manuel Mendes, *Diretor*
Paula Duarte Lopes, *Diretora-Adjunta*



○ CES encenará

5º Congresso Bienal da Associação Internacional de Estudos Interamericanos
(International Association of Inter-American Studies, IAS/EIA)

Reinventar o Social: Movimentos e Narrativas de Resistência, Dissidência e Reconciliação nas Américas

Universidade de Coimbra, Portugal, 22-24 de março de 2018



As lutas sociais e a resistência às elites dominantes têm uma longa história nas colônias e nações das Américas, passando pelas guerras de independência e insurreição de escravos, movimentos pelos direitos das mulheres, revoltas de trabalhadores e camponeses, movimentos indígenas ou protestos contra as guerras dos E.U.A. no Vietnã e no Iraque. Desde a Segunda Guerra Mundial que novas formas nacionais e internacionais de desigualdade, e novas dinâmicas nas sociedades e nos meios de comunicação têm aumentado progressivamente a nossa consciência sobre os diversos modos como o social continua a ser renegociado, do Alasca à Terra do Fogo.

As décadas mais recentes têm-se caracterizado por novas abordagens à relação espaço-temporal e por novas redes sociais, mediacionais e relacionais; a invenção, a invocação e a

narração das tradições, da história e do património servem de elementos chave na criação de novos laços sociais com as gerações anteriores; com a passagem para o novo milénio, grupos sociais anteriormente excluídos têm tido um papel proeminente na reinvenção do social e das suas normas; uma sociedade civil enfraquecida tem aberto espaço à influência dos extremismos; jovens desempregados e sem perspectivas de futuro tentam encontrar novas formas de expressão e intervenção; grupos desprivilegiados manifestam-se nas ruas e através da internet; as redes sociais abrem novos canais e formatos de expressão; a literatura promove a consciência para causas justas; artistas em diversas áreas traduzem e dão forma a estes pensamentos e sentimentos; sociólogos e politólogos oferecem novas interpretações e teorias do social.

O intuito deste evento é, pois, o de explorar formas de intervenção, relação, tradução, negociação, solidariedade ou aliança, tanto antigas como atuais, que promovam a emancipação daqueles e daquelas que foram silenciados/as por fórmulas hegemónicas e hierárquicas. Através do debate e da exploração de novos territórios, pretendemos contribuir para a criação de uma nova gramática e pedagogia do social, a partir de perspectivas epistemológicas e práticas sobre as Américas.

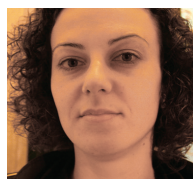
Comissão Organizadora: Isabel Caldeira (FLUC/CES); Maria José Canelo (FLUC/CES); Silvia Rodríguez Maeso (CES); Elsa Lechner (CES); Susana Araújo (CEC, FLUL); Gonçalo Cholant (FLUC/CES); Inês Costa (FLUC/CES); Rita Santos (FLUC/CES); Begoña Dorronsoro (CES).

Comissão Científica: Isabel Caldeira (Univ. Coimbra, Portugal), Olaf Kaltmeier (Univ. de Bielefeld, Alemanha); María Herrera-Sobek (Univ. de Califórnia - Santa Barbara, EUA); Alexia Schemien (Univ. de Duisburg-Essen, Alemanha); Ulla Kriebner (Univ. de Graz, Áustria).



**International
Association of
Inter-American
Studies**

Investigação em Pós-doutoramento e Formação avançada



Carla Luís

Doutoramento em Política Internacional e Resolução de Conflitos, Universidade de Coimbra, Portugal

Projeto: Timor-Leste, peacebuilding and 2017 elections: the post-United Nations intervention?



Fiona Eva Bakas

Doutoramento em Tourism and Gender, Universidade de Otago, Nova Zelândia

Projeto: CREATOUR - Desenvolver Destinos de Turismo Criativo em Cidades de Pequena Dimensão e Áreas Rurais



João Paulo Guimarães

Doutoramento em Literatura Anglo-Americana, State University of New York at Buffalo, Estados Unidos da América

Projeto: Old Pioneers: Representations of Old Age in Recent American Experimental Poetry



Carolina Rispoli Leal

Doutoramento em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica, Brasil

Projeto: Discursos de Exclusão: dignidade, representações sociais e reparação estatal no sistema penal brasileiro



Firmin Dusabe

Doutoramento em Ciência Política, Universitat de Barcelona, Espanha

Projeto: Migration et participation politique : comparaison de l'impact de l'immigration sur les processus de démocratisation en Afrique de Grands Lacs



Letícia Renault

Doutoramento em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Brasil

Projeto: As oficinas biográficas: uma investigação em primeira pessoa da experiência de migrar



Felipe Cammaert

Doutoramento em Estudos Românicos – Português e Literatura Comparada, Université Paris X Nanterre, França

Projeto: MEMOIRS - Filhos de Império e Pós-Memórias Europeias



Isabel Clara Neves da Rocha Marques

Doutoramento em Arquitetura, Universidade de Lisboa, Portugal

Projeto: A Construção de uma Perspectiva Computacional na Arquitetura: o Contraponto Português



Max Ruben Tavares de Pina Ramos

Doutoramento em Antropologia, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Portugal

Projeto: Combater a islamofobia através do desenvolvimento de melhores práticas na utilização de contra-narrativas nos Estados-Membros da UE

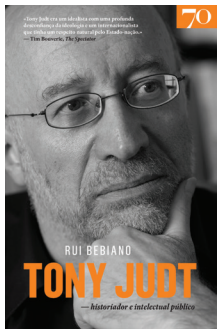
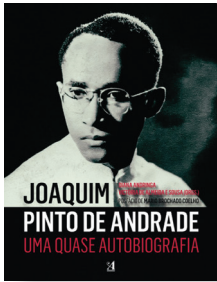
O Centro de Estudos Sociais acolhe um conjunto diversificado de Programas de Doutoramento da Universidade de Coimbra que potencializam as sinergias criadas pela investigação de excelência que desenvolve. O CES tem sido ainda reconhecido no âmbito de candidaturas a bolsas de doutoramento financiadas pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) como instituição de acolhimento de excelência.

A periodicidade de abertura da maioria dos programas é bienal.

- Cidades e Culturas Urbanas
- Democracia no Século XXI
- Direito, Justiça e Cidadania no Século XXI
- Discursos: Cultura, História e Sociedade
- Estudos Feministas
- Governação, Conhecimento e Inovação
- Human Rights in Contemporary Societies
- International Politics and Conflict Resolution
- Patrimónios de Influência Portuguesa
- Pós-Colonialismos e Cidadania Global
- Relações de Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo
- Território, Risco e Políticas Públicas

Para mais informação: www.ces.uc.pt/doutoramentos

Publicações



Revista Crítica de Ciências Sociais

www.ces.uc.pt/rccs

Número 114

Controlling Immigrant Integration in the Euro-Mediterranean Region: A Compelling Turnaround in Times of Economic Crisis

Encarnación La Spina

La injusticia cognitiva en la división internacional del conocimiento. El caso de la migración altamente cualificada

Francesco Maniglio

Fronteiras sociais e simbólicas no espaço público liminar: um estudo de caso

Wellington Maciel

DOSSIER “Alice: aprendizagens globais”

Introdução

Boaventura de Sousa Santos, Bruno Sena Martins

Más allá de la imaginación política y de la teoría crítica eurocéntricas

Boaventura de Sousa Santos

On the Coloniality of Human Rights

Nelson Maldonado-Torres

The Recolonization of the Indian Mind

Peter Ronald de Souza

Deve a economia feminista ser pós-colonial? Colonialidade económica, género e epistemologias do Sul

Luciane Lucas dos Santos

Democratisation beyond the Crisis of Liberalism, Bringing Civil Society within the State

Cristiano Gianolla

Desobediências político-epistémicas de movimentos indígenas no Brasil e na Bolívia como aprendizagens contra-hegemônicas

Maurício Hiroaki Hashizume



cescontexto

http://www.ces.uc.pt/publicacoes/cescontexto

CEScontexto – Debates

Nº 19 – outubro de 2017

Direitos, Justiça, Cidadania: O Direito na Constituição da Política

Nº 18 – setembro 2017

O Drama dos/as Refugiados/as na Europa

Oficinas do CES

www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina

438 - Um estudo sobre a formação do Conselho Municipal LGBT em Florianópolis

Douglas Francisco Kovalski e Zeno Carlos Tesser Júnior

Ficha Técnica

CESemCENA é uma publicação do Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra. Direitos reservados.

Diretor | Boaventura de Sousa Santos

Coordenação | Alexandra Pereira, Nancy Duxbury e Patrícia Branco

Apoio |

